



UM OLHAR PARA A LÍNGUA DE GIL VICENTE: A SINTAXE DOS CLÍTICOS EM DOIS AUTOS VICENTINOS

Raiana Cristina Dias da Cruz

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: raianacristinadias@yahoo.com.br)

Cristiane Namiuti

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: cristianenamiuti@uesb.edu.br

2911

INTRODUÇÃO

As palavras introdutórias de Paul Teyssier no seu livro “A Língua de Gil Vicente” (2005) vêm bem a propósito ao nosso encontro, quando, por vezes, nos deparamos com dados que parecem ser ininteligíveis, e chegam a trazer a sensação de um Gil Vicente distante de nós. É nesse sentido que Teyssier inspira a temática deste trabalho ao dizer, que a obra de Gil Vicente é tão interessante em si mesma, e que se torna mais inteligível quando podemos conhecer o valor dos traços linguísticos dos diferentes personagens.

Como afirma Teyssier: Gil Vicente “usa como modelo, a linguagem do povo do seu tempo”. (p. 89). Na obra vicentina, encontramos, além de personagens alegóricas, personagens populares, representantes das várias classes populares, com diferentes condições sociais, econômicas e culturais. E através do olhar para essa língua, instanciada em um tempo e um espaço, podemos melhor compreender o seu estágio atual.

Assim, neste trabalho, abordamos a língua de Gil Vicente, expressão de Paul Teyssier, representada nas personagens do seu teatro. É o olhar para essas personagens, o uso que fazem dos pronomes clíticos, nosso objeto de pesquisa, que nos possibilita conhecer um pouco mais a dinâmica da língua nos períodos quinhentista e seiscentista.

Como discutem Namiuti e Cruz (2022), ao longo da história da língua, houve alternância nos contextos de variação na colocação dos clíticos (orações matrizes introduzidas por elementos neutros), seja em ênclise (01), seja em próclise (02).

(01) Ele parecia **me** feito de valente homem [...] (Holanda, 1517)

(02) Eu **me** chamara ditoso [...] (Melo, 1608)

A questão que acompanha essa discussão de Namiuti e Cruz (2022), a partir do quadro teórico a Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1995), é o que rege essa colocação



preferencial e qual a natureza da variação ênclise vs. próclise em cada momento histórico; e, de modo mais específico, as autoras questionam se a variação ênclise e próclise é permitida por uma única gramática internalizada ou se é o reflexo de gramáticas em competição, que normalmente se equivalem à forma nova e forma velha convivendo no uso.

Martins (2011), ao fazer a análise da colocação dos clíticos em personagens populares do teatro de Gil Vicente, autor do período quinhentista, postulou a existência de duas gramáticas no período clássico, uma gramática culta proclítica, que aparece nas obras literárias de diferentes gêneros, e uma gramática popular enclítica, que aparece na fala dos personagens populares nos autos de Gil Vicente.

Já para Galves (2015), que analisa os resultados de Martins (2011), a colocação dos clíticos seria sensível à prosódia, estando relacionada a questões discursivas; deste modo, haveria a existência não de duas gramáticas contrapostas, mas de uma única gramática da qual se faz diferentes usos. Além disso, conforme Galves (2015), neste caso, a opção pelo uso da próclise ou da ênclise varia de autor para autor, designando uma questão antes de estilo do que de sintaxe.

Neste trabalho, é adotado como hipótese aquilo que foi postulado por Galves (2015), ou seja, que é possível que a ênclise no teatro de Gil Vicente seja a ênclise do português clássico, derivada de uma gramática proclítica V2, cujo clítico é sensível à primeira posição em um sintagma entoacional e, portanto, textos com determinadas temáticas que favoreçam estruturas prosódicas tenderiam a ser mais enclíticos.

O que nos possibilita adotar a hipótese de Galves é justamente o olhar para as personagens de Gil Vicente e para as temáticas dos autos. O Auto da Feira, é um auto de Natal, que foi representado para o príncipe el-Rei Dom João III, em Lisboa, no Natal de 1527. É um “auto de moralidade”, isto é, possui uma temática religiosa, através da alegoria da “feira”. É também uma alegoria do mundo, que é apresentado como uma feira, onde um Serafim (representante do Bem) e um Diabo (representante do Mal), vendem virtudes e vícios. Há, portanto, uma crítica ao mundo, visto como um mercado das virtudes e dos vícios.

O Auto da Barca do Inferno é também um auto de moralidade. Sua visão é maniqueísta e, portanto, vê o mundo a partir da dualidade Bem X Mal. E essa visão atravessa o imaginário medieval; a ideia de que, após a morte, existe um Paraíso, para onde vão os bons e um Inferno (para onde vão os maus). Embora tanto o auto da Feira



como o auto da barca do inferno tenham temática religiosa e tratem da questão da moralidade, o auto da barca do inferno tem como temática principal o Juízo Final.

Essas antíteses formam o arcabouço do jogo contrastivo que permeia o discurso ao qual se refere Galves, isto é, um discurso com uma temática que favorece determinadas estruturas. Isso nos ajuda a delinear a dinâmica da língua deste período.

METODOLOGIA

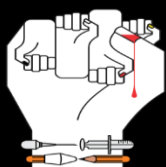
Para o levantamento dos dados, a edição do Teatro de Gil Vicente utilizada foi a versão disponibilizada no Corpus Histórico do Português Anotado Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>). A coleta dos dados foi feita através da leitura dos autos, uma vez entendido que para se verificar as hipóteses levantadas se faz necessário entender a temática e esboçar a estrutura discursiva.

Entre os aspectos observados para a tabulação e descrição dos dados, estão os elementos que precedem o verbo; a colocação do clítico; o tipo de predicado; o tipo de oração; e o tipo de clítico. Além desses elementos sintáticos, foi também considerado e anotado o auto, a personagem e a temática discursiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A classificação dos dados segue a distribuição de Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005), em dois tipos: contextos de variação I (orações matrizes com verbo antecedido por sujeito, advérbio ou sintagma preposicional), como nos exemplos 1, 2, e 3; e contextos de variação II (orações matrizes com verbo antecedido por orações adjuntas ou conjunções coordenativas), como nos exemplos 4, 5, e 6.

- (1) Eu sou estrela do céu, e depois **vos** direi qual. (MERCÚRIO, ADF, p.1)
- (2) E chegando ao nosso cais nós **vos** desembarcaremos. (DIABO, BDI, p.5)
- (3) A est'outra barca cá em fundo **me** vou eu, que é mais real. (BRÍSIDA, BDI, p.19)
- (4) Vamos, venha a prancha logo, e levai-**me** àquele fogo. (SAPATEIRO, BDI, p.14)
- (5) Porém quero **vos** pregar sem mentiras nem cautelas o que per curso d'estrelas se poderá adivinhar. (MERCÚRIO, ADF, p.2)
- (6) Porém vá como já vai, e casemo-**nos** senhora. (MATEUS, ADF, p.32)



Como observam Namiuti e Cruz, o fato de a quantidade de personagens caracterizados por Teyssier (2005) de “fala rústica” ser maior que a quantidade de personagens alegóricos e “cultos”, ainda assim a próclise é bastante atestada.

Observam as autoras que a distribuição dos dados de próclise e ênclise em contextos de variação são semelhantes nos dois autos. Ambos atestam a ênclise em quantidades superiores àqueles dos textos do século XVI, 25% na Barca do Inferno e 26% no Auto da Feira, mas mantendo a preferência da próclise acima de 70%.

Apesar da próclise predominante, a ênclise, tanto na Barca do Inferno quanto no Auto da Feira (25%, 26%) é, segundo Namiuti e Cruz (2022), superior à encontrada por Galves, Namiuti, Paixão de Sousa (2006) na maioria dos textos contemporâneos a Gil Vicente (abaixo dos 10%, na maioria dos casos). Além disso, Namiuti e Cruz (2022), ao separarem por contexto de Variação I e II, constatam que as ênclises se concentram nos contextos de variação II, são 71% de ênclises na Barca do inferno e 73% de ênclises no Auto da Feira contra 14% e 8% de ênclises no contexto de Variação I. A princípio, a temática maniqueísta não favoreceu especificamente a ênclise, como observado em outros textos do período. Todavia, avaliamos a frequência dos contextos de variação e constatamos que há quantidade de dados em contexto de variação II é bastante superior à quantidade de dados em contexto de variação I, como podemos constatar na tabela 1:

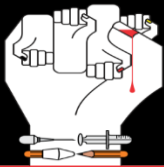
2914

Tabela 1: Frequência dos Contextos de variação ênclise e próclise (variação I e II)

	Barca do Inferno	Feira
Varição I	7 (19%%)	15 (28%)
Varição II	29 (81%%)	39 (72%)
Total	36	53

Fonte: Elaboração própria, baseada em Namiuti e Cruz (2022, p. 16)

Consideramos que este resultado poder ter influencia da temática maniqueísta e do gênero teatral que podem ter favorecido tipos de construções sintáticas que se enquadram em contexto de variação II e por este ser um contexto que favorece a ênclise, temos no resultado final uma frequência de ênclise maior que nos textos narrativos dos autores contemporâneos. Assim, o retrato da Língua popular em Gil Vicente é compatível com o retrato do Português Clássico, conforme propõe Galves (2015).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se neste trabalho que as falas das personagens vicentinas apresentam uma ênclise derivada de uma gramática proclítica V2, cujo clítico é sensível à primeira posição em um sintagma entoacional e, portanto, textos com determinadas temáticas que favoreçam estruturas prosódicas V1 tenderiam a ser mais enclíticos.

Conforme apresentado, os dados de próclise e ênclise nos contextos de variação no Auto da Feira e na Barca do Inferno são semelhantes nas duas peças, que por sua vez são semelhantes na temática maniqueísta. Há predominância da próclise (75% na Barca do Inferno e 74% no Auto da Feira), mas a ênclise aparece em proporções superiores às encontradas em textos contemporâneos (25% na Barca do Inferno e 27% no Auto da Feira contra frequências abaixo de 10% em outros textos).

Observou-se também que nem a ênclise nem a próclise se restringem a uma determinada categoria de personagens, em nenhum dos dois autos pesquisados. Desse modo, tanto personagens alegóricos quanto populares ou cultos podem realizar próclise ou ênclise, nos contextos de variação I e II, fato que favorece a hipótese de se tratar de uma ênclise derivada de uma gramática do Português Clássico e que está é também a gramática da língua popular retratada por Gil Vicente.

PALAVRAS-CHAVE: Próclise; Ênclise; Gil Vicente; Gramática.

REFERÊNCIAS

GALVES, Charlotte Marie Chambelland. **A ênclise no português clássico**. Variação, gramática e uso. In: Cristina Figueiredo; Edivalda Araújo. (Org.). *Diálogos com Ribeiro*. Sobre gramática e história da língua portuguesa. 1ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015, v., p. 61-77

GALVES, C. BRITTO, H. PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **The change in clitic placement from Classical Portuguese to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus**. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4 (1), pp.39-67

MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino**. *Estúdios de linguística galega* 3, 2011, pp. 83-109.

NAMIUTI, Cristiane; CRUZ, Raiana. O estatuto gramatical da sintaxe dos clíticos em dois autos do teatro de Gil Vicente: competição de gramáticas ou questões de interface? In: Cristiane Namiuti e Elisângela Gonçalves (orgs) **Morfologia, Sintaxe e Interfaces**. 2022, no prelo.